

Hábito de leitura da Bíblia: Um legado da Reforma Protestante e o surgimento do Mobon na Diocese de Caratinga (MG)

Bible reading habit: A legacy of the Protestant Reform and the rise of the Mobon Movement in the Diocese of Caratinga (MG)

José Aristides da Silva Gamito¹
joaristides@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa o hábito de leitura bíblica formado pela Reforma Protestante dentro dos conflitos religiosos desencadeados no início do século XX, nas cidades de Alto Jequitibá e Manhumirim, (Zona da Mata Mineira), entre presbiterianos e católicos. Os confrontos apologéticos deram origem a um movimento de formação bíblica de leigos que influencia gerações na diocese de Caratinga. A análise será feita a partir das contribuições de Hans Robert Jauss para a Estética da Recepção.

Palavras-chave

Bíblia, presbiterianismo, catolicismo, leitura, recepção.

ABSTRACT

This article analyzes the biblical reading habit formed by the Protestant Reformation within the religious conflicts unleashed in the early twentieth century, in the cities of Alto Jequitibá and Manhumirim (Zona da Mata Mineira), between Presbyterians and Catholics. The apologetic confrontations gave rise to a biblical lay formation movement that influences generations in the diocese of Caratinga. The analysis will be made from Hans Robert Jauss' contributions to the Aesthetics of Reception.

Keywords

Bible, presbyterianism, catholicism, reading, reception.

¹Bacharel e Licenciado em Filosofia, especialista em Docência do Ensino Básico e do Ensino Superior, mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Professor de Teoria do Conhecimento no Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário, Caratinga (MG).

Introdução

O movimento de formação bíblica dos leigos na diocese de Caratinga (MG) no período pós-conciliar surgiu como reação ao hábito dos protestantes lerem Bíblia e frequentemente debaterem com católicos, especificamente nas cidades de Alto Jequitibá e de Manhumirim. As interações entre católicos e presbiterianos foram causas do surgimento do Mape (Movimento Apostólico Pioneiros do Evangelho). Este movimento católico surgiu naquela região devido ao desafio que o padre Geraldo Silva Araújo, missionário sacramentino, enfrentou diante do confronto entre católicos e presbiterianos na cidade de Alto Jequitibá. Ele tem como marca a antecipação do movimento bíblico que se formaria na Igreja Católica no período após o Concílio Vaticano II.

A partir deste cenário, discutiremos a relação entre católicos e presbiterianos nas cidades de Alto Jequitibá e de Manhumirim e a leitura da Bíblia. Temos em contato duas formas de recepção do texto bíblico que entram em confronto. Essas inquietações possibilitaram o surgimento do movimento dos “Pioneiros do Evangelho”. Foi um grupo católico que se iniciou com uma leitura bíblica apologética e que por fim desenvolveu um movimento bíblico com características próprias dentro da diocese de Caratinga (MG). Por trás deste movimento, teve como impulso o hábito, protestante, de ler a Bíblia motivando os católicos a fazerem o mesmo.

Tal discussão se situa dentro do chamado período da Neocristandade (1916-1955), conforme a classificação de Scott Mainwaring. Foi uma fase da atuação da Igreja Católica que procurava reafirmar-se na vida pública, procurando estabelecer relações de proximidade com o Estado. Houve uma preocupação com o sistema educacional, a preservação da moralidade cristã e uma atitude antiprotestante.² Na primeira metade do século XX, estas características do catolicismo estavam presentes na Zona da Mata Mineira. A motivação da nossa discussão tem como cenário as cidades mineiras de Alto Jequitibá e de Manhumirim, como dissemos.

O protestantismo entrou em Minas Gerais juntamente com o crescimento da produção cafeeira e da política brasileira de incentivo à imigração. A vinda de missionários que percorriam as fazendas possibilitou o êxito do protestantismo no Estado. É dentro dessas condições que se desenvolveu a Igreja Presbiteriana em Alto

² SIMÕES, Daniel Soares. Antiprotestantismo, Neocristandade e Paradigma Tridentino na Obra “O Anjo das Trevas” (1936). *Cadernos de História*, Ouro Preto, ano I, n. 2, 2006, pp. 1-12.

Jequitibá. A Igreja se tornou um polo que permitiu o surgimento de muitas outras igrejas nas cidades vizinhas (SILVA, 2011, p. 307-316).

Cardoso comenta:

Uma das características das cidades do interior mineiro é a igreja bem no meio da praça. Só que Alto Jequitibá tem uma diferença: a igreja no ponto central é protestante. E a cidade está cheia delas. A igreja católica está entre as mais tímidas. Isso não é de hoje. De 1952 a 1957, esteve por lá o padre Geraldo da Silva Araújo, SDN (CARDOSO, 2006, p. 25-34).

O crescimento do presbiterianismo naquela região acabou incomodando a personalidade católica mais ativa e enérgica da época, padre Júlio Maria de Lombaerde. De seus confrontos com o reverendo Cícero Siqueira, nasceu o movimento de reação católica “Pioneiros do Evangelho” que, mais tarde, se chamaria Mobon (Movimento da Boa Nova). Discutiremos como duas formas de recepção da leitura bíblica em conflito que influenciaram o surgimento de um movimento de estudos bíblicos. Salientamos a influência do hábito da leitura da Bíblia, um legado da Reforma Protestante. Como referencial teórico para esta discussão, recorreremos à Estética da Recepção de Hans Robert Jauss.

Fundamentação teórica a partir da Estética da Recepção

A partir de 1967, Hans Robert Jauss (1921-1997) trouxe uma importante contribuição sobre a maneira como o leitor recebe um texto dentro dos estudos literários. Sua crítica inicial entra contra uma abordagem da história da literatura que privilegiava a descrição da vida e da obra do autor e não se preocupava com o modo pelo qual a obra era recebida pelo leitor. Aplicaremos esses princípios aos dois modos de recepção da leitura bíblica: O presbiteriano e o católico no caso de Alto Jequitibá e de Manhumirim.

A crítica de Jauss se concentra sobre a teoria literária marxista e a teoria literária formalista. Na perspectiva marxista, há ênfase na relação entre literatura e realidade social. O cânone literário se forma a partir daquelas obras que têm conflitos de classe. As individualidades dos leitores são generaliza em função de uma ideia de classe. Os formalistas valorizam o texto concreto e individual e desconsideram qualquer influência histórica. Na construção teórica de Jauss, os elementos históricos e estéticos são valorizados no processo da leitura (COSTA, 2017, p. 1-14).

O texto não tem uma única forma de recepção para todos os leitores em todas as épocas. A historicidade da obra é justamente a sua disposição a novas leituras e a novas compreensões. Com tempos estabelece-se um histórico de leituras. Para a Bíblia, encontramos diferentes leituras ao longo do tempo. O leitor se encontra diante de um saber prévio proveniente de seu lugar no mundo, nisso está incluído o seu histórico de leituras, e diante da obra em si. Na leitura, o horizonte de expectativas do leitor é satisfeito ou não. As leituras passadas não estatizam o modo de recepção da obra. O leitor atual as possui como referência esse histórico de leitura, mas sua recepção é sempre temporal e própria (CANTARELA, 2013, p. 425-426).

Jauss procurou desenvolver uma história da literatura a partir da recepção que o leitor faz da obra. No caso da Bíblia, pode se constatar na história que diferentes leitores a receberam de modo diferente e construíram identidades eclesiais distintas. A experiência é descrita por Jauss recorrendo aos termos gregos *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*.

Primeiramente, ao escritor se atribui a experiência da *poiesis*. No processo de produção de uma obra, o autor experimenta um a sensação de plenitude e de encontro do seu lugar no mundo. Em seguida, Jauss descreve a relação com a obra pelo termo *aisthesis*. É a experiência da sensação de reconhecimento e de conhecimento de coisas dentro da repetição do cotidiano. Por fim, a *katharsis* liberta o leitor dos vínculos da vida prática e transmite normas da ação. Tanto o autor quanto o leitor podem experimentar este processo estético. O próprio leitor escapa do olhar tradicional de mera contemplação da obra para participar ativamente da experiência estética (FIGURELLI, 1988, p. 265-285).

Hans Robert Jauss elabora a sua teoria sobre a recepção do texto em sete teses. A primeira considera que a historicidade da literatura acontece no diálogo entre a obra e o leitor. A segunda estabelece que o saber prévio do leitor determina o modo como o texto será recebido. As experiências do leitor suscitam emoções e contribuem para formulação prévia da interpretação da obra. Tanto a dimensão individual quanto a social participa deste processo porque pessoas de um mesmo tempo compartilham leituras semelhantes de uma mesma obra.

A terceira tese postula que a leitura do texto pode satisfazer ou não o horizonte de expectativas do leitor provocando duas reações possíveis: Conformidade ou ruptura. À distância entre as expectativas e a realização da leitura no indivíduo Jauss chama de

distância estética. As obras podem surpreender em determina e em outra não. Em relação à Bíblia se pode estabelecer uma longa história de recepção, com leituras novas a cada período histórico. A quarta tese diz que a historicidade do texto é recuperada verificando qual era o horizonte de expectativas de uma obra e sua realização dentro do seu público primeiro. A comparação entre interpretações dadas em épocas diversas para uma mesma obra supera a homogeneização na leitura de um período.

Por fim, as teses quinta, sexta e sétima dizem respeito a uma metodologia de abordagem de uma obra literária. É necessário observar a relação entre obra e vida ao longo do tempo (diacronia), articulação entre diferentes obras de uma mesma época (sincronia) e a função social de uma obra. A literatura tem um nexos com a vida prática e uma função emancipadora, pois tende em ir além da conformidade social e provocar rupturas nos padrões de conduta social (COSTA, 2017, p. 1-14).

Os conflitos entre presbiterianos e católicos na Zona da Mata Mineira: Ponto de partida

No primeiro quartel do século XX, dois centros de evangelização estiveram em tensão e em mútuas influências na microrregião de Manhuaçu, na Zona da Mata Mineira. De um lado estava a Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá representada pelo pastor Cícero Siqueira, e de outro, a Igreja Católica representada pelo padre Júlio Maria Lombaerde, de Manhumirim (SCHIAVO, 2015, p. 385-396).

Constantes conflitos aconteceram entre esses dois polos cristãos. E foram desde debates, confrontos apologéticos em praça pública até polêmicas através da imprensa. Católicos e presbiterianos utilizaram também a educação e política para propagarem suas ideias.

Alto Jequitibá recebeu a primeira Igreja Presbiteriana de Minas Gerais e se tornou centro irradiador de missão evangélica na Zona da Mata e no Espírito Santo. Além da Igreja, os presbiterianos tinham o Colégio Evangélico e o jornal “O Jequitibá”. Manhumirim além de ser sede de paróquia, foi o berço do Instituto dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora. Este instituto foi fundado pelo padre Júlio Maria de Lambaerde que também fundou dois colégios: Pio IX e Santa Terezinha. E na imprensa, o jornal “O Lutador” (SCHIAVO, 2015, p. 386-396).

Além dos púlpitos, os colégios e os jornais tornaram-se instrumentos de propagação de ideias e de disputa por fiéis. Esses debates tinham como foco a interpretação correta da Bíblia e isso exigia uma melhor capacitação na leitura destes textos.

A reação católica e os “Pioneiros do Evangelho”

O hábito protestante da leitura bíblica é o fator desencadeador dos confrontos entre católicos e evangélicos na Zona da Mata. Os evangélicos em termos de manuseio da Bíblia e de defesa doutrinal eram bem preparados. Os católicos estavam desamparados nesses confrontos. Padre Geraldo Silva Araújo cogitou a fundação de um grupo de leigos para treinar os católicos na defesa da fé.

Em sua experiência ministerial em Alto Jequitibá, padre Silva Araújo despertou para a necessidade de investimento em seus paroquianos. Em 1946, nas tardes de domingo o religioso realizava “aulas bíblicas” com eles. Entre 1954 e 58, passou a realizar os cursos sobre Bíblia em um dia de semana (COMERFORD, 2003, p. 158). Porém, foi em Carangola em 1958 que ele treinou os primeiro grupo de missionários sob o nome Dape (Departamento de Apostolado dos Pioneiros do Evangelho) com o intuito de multiplicar suas orientações de estudos bíblicos. No ano seguinte, o movimento foi formalizado como sociedade civil sob o nome Mape (Movimento de Apostolado dos Pioneiros do Evangelho). O objetivo desses missionários leigos era viajar pela região aplicando cursos bíblicos e sobre temas doutrinários alvo de controvérsias com os evangélicos.

Em 1962, padre Silva Araújo tornou-se superior dos sacramentinos e implantou em Manhumirim as “aulas bíblicas”. Nesse período, envolveu seminaristas sacramentinos nesse trabalho (COMERFORD, p. 159-160).

Dentre esses missionários conhecidos como “Pioneiros do Evangelho”, dois seminaristas sacramentinos se destacaram: Alípio Jacintho da Costa e João da Silva Resende. A reação católica foi ganhando dimensões maiores e o bispo diocesano de Caratinga, dom José Eugênio Corrêa, enviou Alípio em 1965 para um curso preparatório da Conferência Episcopal Latino-Americana em Santiago do Chile.

De volta ao Brasil, Alípio pensou em um movimento que levasse adiante a formação bíblica dos católicos, porém, desvinculada do objetivo de debater com os

protestantes. Em 1967, deu início ao curso “A Boa Nova do Evangelho”. Este curso abordava o Antigo e o Novo Testamento a partir de uma perspectiva de convite à conversão cristã. Estava consolidado no laicato da diocese de Caratinga o hábito de estudar Bíblia e também de protagonismo dentro da Igreja.

Em 1967, os líderes do Mape receberam um curso intitulado de “Boa Nova”. Nessa proposta o tom apologético cedia lugar para o conhecimento da Bíblia em si. Segundo Cardoso, o padre Geraldo Silva Araújo estava “mais ponderado na questão dos protestantes pela novidade que vinda de seu discípulo Alípio e das conclusões do Concílio Vaticano II” (CARDOSO, 2006, p. 30).

Torri de Araújo explica que no início da década de sessenta, o Concílio Vaticano II, com sua orientação ecumênica, desautorizou o confronto com os protestantes. O MAPE “se viu, então, numa verdadeira encruzilhada” – era preciso redefinir o sentido dos cursos, da militância e das obras. (COMERFORD, 2003, p. 161).

A influência das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e as reformas do Concílio Vaticano II renovaram a identidade do Mape que ao abandonar o tom apologético, acaba por se transformar no Mobon (Movimento da Boa Nova). A primeira forma de recepção da Bíblia nesta região se situava dentro de um contexto apologético, após a capacitação de Alípio Jacintho da Costa, as influências da renovação bíblica do Concílio Vaticano II gerou uma nova forma de recepção.

A recepção da Bíblia nos desdobramentos em torno de Alto Jequitibá (MG) e de Manhumirim (MG)

Entre a recepção da Bíblia no catolicismo tradicional e no protestantismo há uma considerável diferença. A Reforma Protestante propôs uma interpretação do texto bíblico fora da autoridade exclusiva eclesial. O texto bíblico recupera sua autoridade de sentido diante do leitor e que será exposta à consciência individual daquele leitor. (RODRIGUES, 2016, p. 160).

Antes do Concílio Vaticano II, os leigos tinham contatos com a leitura bíblica exclusivamente dentro da liturgia. Havia poucas traduções da Bíblia, não havia suporte por parte do clero para o leigo estudar a Bíblia.

Conforme Jauss, a historicidade da literatura coincide com a atualização da obra (COSTA, 2017, 1-14). Nesta análise, temos três formas de recepção do texto bíblico. Pode-se identificar aquela primeira, de tom proselitista, em torno da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá. Ela acontece a partir do legado da Reforma, o contato do leitor com o texto é mais próximo, permite-se o livre exame da Bíblia. O círculo de padre Júlio Maria de Lambaerde tornou o texto bíblico como um instrumento de reafirmação de identidade católica, procurando sempre fazer oposição ao protestantismo e a demonizá-lo. Neste contexto, o leitor por excelência é a autoridade eclesiástica. Porém, em reação à habilidade dos protestantes, a autoridade interpretativa permite descentralizar o acesso à Bíblia e promove “aulas bíblicas” para treinar os leigos.

A recepção do texto bíblico sofre uma mudança no horizonte de expectativas dentro dos “Pioneiros do Evangelho”. Na teoria de Jauss, este horizonte de expectativas “engloba o limite do que é visível e está sujeito a alterações e mudanças, conforme as perspectivas do leitor” (COSTA, 2017, p. 1-14). O leitor que se forma em torno dos “Pioneiros do Evangelho” ao perceber que não poderia ler a Bíblia simplesmente em oposição aos protestantes, rompe com uma postura de recepção e percebe uma nova realidade que pode ser referência de interpretação da Bíblia. Neste segundo momento, estão surgindo as comunidades eclesiais de base (CEBs) que releem a Bíblia a partir da sua realidade social.

Na fase apologética, as publicações com finalidades didáticas se estruturavam em perguntas e respostas com citações bíblicas sobre temas que fossem pontos de controvérsias entre católicos e protestantes. Segundo Fabrício Roberto Costa Oliveira e Arnaldo José Zagelmi, os conteúdos dos cursos bíblicos dos “Pioneiros” eram assuntos polêmicos com batismo, uso de imagens e intercessão dos santos, celibato e purgatório (OLIVEIRA; ZAGELMI, 2009, p. 170-186). Os leigos formados pelo movimento “Pioneiros do Evangelho” começaram ter um contato semanal com a Bíblia nas Celebrações da Palavra que aconteciam, principalmente, nas comunidades rurais. Onde não havia padres, a liderança acabou sendo exercida pelo leigo que havia sido treinado na leitura da Bíblia. Por fim, o interesse pela leitura da Bíblia ultrapassou os limites do âmbito litúrgico, assim surgiram os Círculos Bíblicos (CAVALCANTI, 2007, p.73-106).

No segundo momento, há uma ruptura com as recepções anteriores do texto bíblico dentro do catolicismo. As CEBs da diocese de Caratinga adotaram uma leitura

em consonância com suas realidades. A partir da década de 60, o movimento “Pioneiros do Evangelho” se transformou em Movimento da Boa Nova (Mobon). A mudança de nome sinalizava uma ruptura com a recepção do texto bíblico da fase anterior. Sua atuação ganha corpo a partir dos anos 70 e 80. O tom apologético dá lugar a uma preocupação nova: Aproximar a religião da política. Os líderes do Mobon passaram a insistir em seus cursos bíblicos que o cristão católico tinha de transformar sua realidade social e envolver-se na política (OLIVEIRA; ZANGELMI, 2009, p. 170-186).

Enquanto anteriormente se focava em textos que afirmavam a autoridade de Pedro por causa do primado romano, agora no Evangelho passou-se a destacar o envolvimento político de Jesus em seus confrontos com o poder do Templo e do Império Romano.

Considerações finais

Os confrontos de diferentes leituras dentro do contexto da Zona da Mata Mineira fomentaram o surgimento de um movimento de estudos bíblicos populares alinhados à Teologia da Libertação. O Mobon superou a leitura bíblica da primeira metade do século XX que tinha finalidade exclusivamente de combater os protestantes. No recorte geográfico que nós fizemos, isso se torna visível nos embates entre o reverendo Cícero Siqueira, de Alto Jequitibá, e o padre Júlio Maria de Lombaerde, de Manhumirim.

A preocupação católica em treinar os leigos para combaterem os protestantes os colocou em contato com leitura bíblica, que antes era uma prerrogativa do clero. Os católicos formados pelo movimento “Pioneiros do Evangelho” perceberam que o acesso à leitura bíblica não deveria ser só “coisa de crente”. Temos neste caso, diferentes recepções do texto bíblico e que de um confronto, há uma ruptura e o surgimento de um modo de recepção bíblica que influenciou o catolicismo da diocese de Caratinga e de todo leste de Minas Gerais.

Portanto, o princípio desencadeador dessas transformações é um legado importante da Reforma Protestante: a democratização da leitura bíblica. Quando a leitura bíblica deixa de ser prerrogativa do clero, permitem-se novas perspectivas diante do texto bíblico. Portanto, novas recepções da Bíblia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Lésio Lima. Da apologética à conversação. *Diretrizes: Revista da Diocese de Caratinga*, Ano XLVII – n. 777, Jun. 2006.

CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. A Leitura Popular da Bíblia e a V Conferência do Celam. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 25, 2007, pp.76-103.

COMERFORD, John Cunha. *Como uma família: Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. *Estética da Recepção e Teoria do Efeito*. Disponível em: https://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teorias_efeito.pdf. Acesso em 07 ago. 2017.

FIGURELLI, Roberto. Hans Robert Jauss e a Estética da Recepção. *Letras*, Curitiba, v. 37, 1988, pp. 265-285.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa; ZANGELMI, Arnaldo José. O MOBON, a política e a imprensa: Notas sobre Religião e Política em Minas Gerais. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, 2009, pp. 170-186.

SCHIAVO, Reinaldo Azevedo. *Religião, instituições e conflitos: Reflexões preliminares entre presbiterianismo e catolicismo na Zona da Mata mineira*. In: Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR, Juiz de Fora, 15 a 17 de abril de 2015, p. 385-396.

SILVA, Marcela Pimentel da. A Inserção Protestante em Minas – Notas para Debate. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 11, n. 2, 2011, pp. 307-316.

SIMÕES, Daniel Soares. Antiprotestantismo, Neocristandade e Paradigma Tridentino na Obra “O Anjo das Trevas” (1936). *Cadernos de História*, Ouro Preto, ano I, n. 2, 2006, pp. 1-12.